



XI

COLUBHE

**XI CONGRESSO
LUSO BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO**

ATAS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

**INVESTIGAR, INTERVIR E PRESERVAR:
CAMINHOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
LUSO-BRASILEIRA**

ORGANIZADORES:

**LUIS ALBERTO ALVES
CLÁUDIA RIBEIRO
JOAQUIM PINTASSILGO
CARLOS MANIQUE
RODRIGO AZEVEDO
HELENA VIEIRA
ALDA NAMORA**

EDIÇÃO: CITCEM | JUNHO DE 2016

DESIGN: GLITZ

IMPRESSÃO: NORPRINT - a casa do livro

ISBN: 978-989-8351-56-2

DEPÓSITO LEGAL: 411303/16

TIRAGEM: 800 EXEMPLARES

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Compete 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

ID:192

Vamos ao Museu? – Museus pedagógicos pela Europa (1930-1940)

Autoras:

Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

Helena Isabel Almeida Vieira

Filiação:

CITCEM/FLUP

RESUMO

Este artigo traça uma viagem pelos museus educativos europeus de Madrid, Paris, Bruxelas, Amsterdão e, por fim, Lisboa. Com base nas publicações de Álvaro Sampaio na revista *Labor* foi possível delinear um percurso pelos diversos museus pedagógicos e sistematizar dados “biográficos” destas instituições, no que se refere à sua data de criação, fundadores, fins a que se destinavam, objetivos, valências e acervos. Com base nos resultados desta viagem pedagógica, Álvaro Sampaio pode produzir, de modo fundamentado, uma opinião muito crítica em relação à inércia das autoridades portuguesas relativamente à criação de um espaço semelhante em Portugal. A sua opinião pouco abonatória do trabalho desenvolvido pelas estâncias governativas não era isolada, vindo na senda de outros autores que preconizavam, sugeriam e organizavam a informação necessária para se criarem estes espaços mesmo na mais pequena escola de província. Defensor acérrimo da indispensabilidade destes espaços, Sampaio e companhia haveriam de ter conhecimento da abertura da Biblioteca e Museu do Ensino Primário, instituído por decreto de 30 de março de 1933.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Pedagógico, Museu Escolar, História da Educação.

VAMOS AO MUSEU? MUSEUS PEDAGÓGICOS PELA EUROPA [1930-1940]

Podemos considerar que é a partir da década de oitenta do século XX que a sensibilidade para cuidar, estudar e promover o património educativo ganhou uma maior expressão. De facto, é visível esta preocupação no levantamento de 1996-97, conduzido por António Nóvoa, e que tinha por missão divulgar a riqueza patrimonial sob proteção do Ministério da Educação e na qual se insere os dois museus pedagógico de 1883 e 1933 que existiram em Portugal.

Neste sentido, o interessante número de publicações que veem a luz do dia (livros, artigos científicos, dissertações e teses, projetos, colóquios, linhas temáticas em congressos, etc.) trouxe a lume património educativo, preocupações, intenções e conclusões relacionadas com o museu escolar. E é neste seguimento que propomos uma comunicação que pretende mapear os espaços e conteúdos de alguns museus pedagógicos sites em diversas cidades europeias, coincidindo esta viagem com a “inesperada” abertura e funcionamento do congénere em Portugal, em 1933.

Os museus pedagógicos e os museus escolares surgiram no contexto das exposições universais, mormente na penúltima década do século XIX.

Os primeiros procuravam ser vitrinas das novidades e saberes produzidos no campo educativo, desde teorias e métodos de ensino, livros, coleções de materiais (alguns para estudos experimentais em educação), mobiliário e normas de higiene. Por sua vez, os museus escolares (coleções de materiais sobre ciências da natureza, adequados às lições de coisas e podendo incluir dados etnográficos e de geografia humana), pensados para as escolas, deram origem a orientações didáticas e à produção editorial de quadros parietais impressos como a conjuntos de frascos com amostras diversas: sementes, minérios, rochas, pequenos animais embalsamados” (Felgueiras, 2011: 71).

No caso português, deveu-se a Adolfo Coelho a criação, em 1883, do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, com biblioteca anexa, que tinha como desiderato fazer parte do processo de renovação educativa defendido por este pedagogo. Neste sentido, o Museu configurava-se como um espaço de formação contínua destinada aos professores, no qual se privilegiava o debate de ideias que presidiam à afirmação de uma ciência da educação moderna.

Todavia, nos princípios da década de 1890, o Museu Pedagógico Municipal de Lisboa entrou numa fase de decadência. O que restou desta ação foi transferido em 1917-18 para as novas instalações da Escola Normal Primária de Lisboa, tendo grande parte permanecido na escola Rodrigues Sampaio.

A palidez que acompanhou a transferência do Museu para este edifício ganhou novas cores em 1933, quando foi integrado na Biblioteca e Museu do Ensino Primário e dirigido por Adolfo Lima. No decreto da sua (re)criação ficam explícitas as intenções desta iniciativa: “promover a melhoria dos métodos pedagógicos e didáticos, com vista ao maior rendimento nacional do ensino” e “fornecer aos professores oficiais todos os

estímulos e elementos que sirvam para a sua melhoria cultural e profissional” (Decreto n.º 22.369 de 30 de março de 1933). Entre 1933 e 1942, Adolfo Lima, diretor da Biblioteca e Museu do Ensino Primário, confere rigor e dinamismo a este espaço museológico, no que se entende como o último fôlego da sua existência. Após a sua saída da direção, a “Biblioteca-Museu entrou num período marcado pelo silêncio e pela letargia até ao final do regime” do Estado Novo, sendo transferido, em 1986, para as instalações do Ministério da Educação (Mogarro, 2013: 34).

O percurso do Museu Pedagógico português faz mais sentido quando inserido num movimento europeu, sob a influência das exposições universais. Também em 1883, foi fundado o museu pedagógico de Madrid e de Friburgo no ano seguinte, enquanto o de Paris data de 1879, e Bruxelas e Palermo, de 1880. “A Alemanha possuía já em 1882 11 museus que ou eram do tipo de exposição de coleções de materiais de ensino; exposições sobre a história da escola e da prática de ensino; ou museus escolares, constituídos basicamente por exposições sobre ciências naturais” (Felgueiras, 2011: 72).



FIG. 1 | Adolfo Coelho



FIG, 2 | Palácio dos condes de Mesquitela, onde se instalou a Escola D. Maria I, A Escola Rodrigues Sampaio e o Museu Pedagógico de Lisboa

É, neste sentido, que pretendemos colocar os museus no mapa e percorrer a distância que separa, por exemplo, o Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, que nasceu da vontade de Adolfo Coelho e do vereador Teófilo Ferreira e encontrou

grandes dificuldades em permanecer em funcionamento, e os seus congéneres que, na velha Europa, encontravam terreno fértil para prosperar, sendo aproveitados pelo seu público-alvo.

Os principais objetivos desta comunicação são:

- *Conhecer o processo de criação dos museus pedagógicos em Portugal e em alguns países da Europa.*
- *Compreender que motivos estiveram por detrás dos avanços e recuos, criação e fecho do Museu Pedagógico de Lisboa.*
- *Mapear alguns museus pedagógicos na Europa.*
- *Identificar os objetos que constam do espólio dos Museus Pedagógicos de Madrid, Bruxelas, Amsterdão, Paris e Lisboa.*
- *Compreender a influência que estes espaços exercem entre si e sobre a escola, no sentido de perceber o grau de abertura/fechamento relativamente à comunidade de acolhimento.*

O âmbito cronológico desta proposta permeia a década de 30 do século XX. Todavia, foi necessário regressar às últimas duas décadas de dezanove para explicar o processo de criação dos primeiros museus pedagógicos e escolares que povoaram a Europa neste período.

A metodologia seguida passou pela leitura e análise atenta do conteúdo da Revista Labor¹⁹, assim como de outras revistas da imprensa pedagógica da época, o Boletim Escolas Técnicas²⁰ e a Revista Escolar²¹, consideradas como fontes primárias para a este trabalho, selecionando os artigos que diziam respeito ao assunto em estudo. Neste sentido, procedeu-se a uma pesquisa de títulos que dissessem respeito a museus escolares e pedagógicos, entre os anos 1921 e 1971. Após a identificação dos espécimes que interessavam à temática, procedeu-se à leitura e análise do conteúdo dos artigos e ao posterior cruzamento com outras fontes identificadas pelos artigos das revistas consultadas ou inspiradas pela leitura de bibliografia específica sobre o tema. No seguimento, foram construídas bases de dados que nos permitiram uma análise cuidada do conteúdo dos artigos selecionados.

Percorrendo estas fontes foi-nos possível: mapear uma série de artigos produzidos por professores acerca dos Museus Pedagógicos em funcionamento em Amsterdão,

¹⁹ Revista Labor (publicada entre 1926 e 1971), com trabalhos de professores, diretores escolares e pedagogos ligados ao ensino liceal.

²⁰ Boletim Escolas Técnicas (publicado entre 1946 e 1971), com trabalhos de professores, diretores escolares e pedagogos ligados ao ensino técnico.

²¹ Revista Escolar (publicada entre 1921 e 1935), com trabalhos de professores e pedagogos de nenhum ramo em particular, contendo diversas temáticas relacionadas com o ensino e com os museus escolares.

Madrid, Bruxelas, Paris e Lisboa; identificar legislação reportada à criação dos museus pedagógicos; consultar outra documentação histórica e historiográfica relativa à fundação e funcionamento destes espaços pedagógico-didáticos.

Para cada um dos museus identificados, foi-nos possível ainda reunir informações sobre a sua função, os fins a que se destinavam e as secções que os compunham.

Nesta fase da investigação, é possível aventar algumas considerações que podem ser tomadas em jeito de conclusão.

Em primeiro lugar, é fácil estabelecer a relação entre a criação destes espaços museológicos com a pretensão de se modernizar e renovar o panorama educativo dos países onde se insere; daí a nomear os principais vultos no campo da pedagogia e a associá-los a estas iniciativas vai um pequeno passo.

Em segundo lugar, este trabalho reporta-nos para as mesmas conclusões apontadas por outros autores: a inserção destas iniciativas num movimento à escola europeia (mais vasta, decerto, mas para o que nos interessa remetamos apenas para o espaço do velho continente), que é acompanhado pelos vários interlocutores através da publicação de artigos em revistas da especialidade ou troca de correspondência.

Em terceiro lugar, e muito particularmente no que se refere ao caso português, é evidente a pouca vontade política em tornar o projeto de criação de um museu pedagógico numa aposta vencedora; de facto, a linha evolutiva do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa demonstra os abalos sísmicos que sofreu sempre que os meios políticos falhavam no apoio necessário à sua manutenção.

Em quarto lugar, julgamos necessário alertar para a necessidade de destrição dos termos utilizados pelos diversos autores, muito embora, para o investigador, se torne mais ou menos translúcido o sentido que lhe atribuem em um ou outro caso.

Por último, quer se trate de museus pedagógicos ou museus escolares, é consensual entre os autores a indispensabilidade de se criarem estes espaços nos mais diversos pontos do país. Os museus escolares, de mais fácil criação, serviriam para acrescentar tudo (o possível) que a sala de aula não permitia; os museus pedagógicos, mais ambiciosos, dispendiosos e dependentes de grande empenhamento por parte do Estado, das instituições escolares e das demais pessoas envolvidas, mostravam-se extremamente necessários à formação de professores, que deveria ser contínua, e que a maior parte das vezes esbarrava com as dificuldades que a falta de acessos, os magros salários e a ausência de uma filosofia de aprendizagem ao longo da vida do professorado português provocavam.

BIBLIOGRAFIA

Amor, M. A. (1931) “Museu Pedagógico do Estado”. *Revista Escolar*, n.º 8, Ano XI, outubro.

Amor, M. A. (1935) “Museus Escolares”. *Revista Escolar*, n.º 9, novembro.

Felgueiras, M. L. (2011). Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. In *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 67-92.

Fernandes, R. & Felgueiras, M. (Org.) (2000). *A escola primária: entre a imagem e a memória*. Porto: Projeto Museu Vivo da Escola Primária.

Ferreira, F. P. P. (1914) “Museus Escolares”. Separata do *Anuário da Casa Pia de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Casa Portuguesa.

Figueiredo, B. G.; Vidal, D. G. (Org.) (2005). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum.

Mogarro, M. J. & Namora, A. (2013). Educação e património cultural: escolas, objetos e práticas, perspetivas multidisciplinares sobre a cultura material. In Mogarro, M. J. (coord.), *Educação e Património Cultural. Escolas, objetos e práticas* (pp. 9-44). Lisboa: Edições Colibri.

Mogarro, M. J. (2010) Cultura material e modernização pedagógica em Portugal (séculos XIX-XX). In *Educatio Siglo XXI*, Vol. 28 nº 2, pp. 89-114.

Nóvoa, A. (1987) *Le Temps des Professeurs - Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIIIe-XXe siècle)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

PENIN, Lúcia (2012) *Histórias de Autores Menores*. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/7163>. Consultado em 25/02/2016.

Sampaio, A. (1932 b) “Museu Pedagógico de Bruxelas”. *Revista Labor*, n.º 40.

Sampaio, A. (1932 c) “Museu Pedagógico de Madrid”. *Revista Labor*, n.º 41.

Sampaio, A. (1932a) “Museu Pedagógico de Paris”. *Revista Labor*, n.º 39.

Sampaio, A. (1934 a) “Museu Pedagógico de Amesterdão”. *Revista Labor*, n.º 51.

Sampaio, A. (1934 b) “Museu Pedagógico de Lisboa”. *Revista Labor*, n.º 57.

Vasconcelos, A. (1918). *Museus Escolares (sua necessidade, organização e funcionamento)*. Porto: Livraria Civilização.